Francisco Ribeiro da Silva \*

# Vinhos do Douro: loteamentos clandestinos que desafiaram o Marquês (1771-1775)

## 1. INTRODUÇÃO

A comunicação que propomos a este Congresso pretende valorizar e aproveitar um documento publicado em grosso volume há quase vinte anos mas que não tem merecido dos historiadores mais do que sumárias e superficiais referências. Refiro-me à Devassa a que mandou proceder sua Majestade no território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura [1771-1775]<sup>1</sup>.

A questão de fundo que motivou o inquérito judicial e que resume o seu objectivo imediato é bem simples e pode ser assim formulada: constando em Lisboa na Corte de D. José que no Alto Douro se aumentavam ardilosamente os volumes de vinhos de embarque através da velha prática da mistura de vinhos inferiores com vinhos de qualidade e que, dessa forma não só se desobedecia à lei como se degradava a qualidade do produto, com os prejuízos a prazo daí decorrentes, o Poder central entendeu que era urgente pôr cobro a essa perversão. Como? Mandando averiguar e punir exemplarmente os culpados.

Com efeito, ainda antes da conclusão final das indagações, seis indivíduos foram castigados com a pena de prisão na cadeia da Relação do Porto, entre os quais avultam destacadas figuras locais tais como os capitães-mores de Penaguião, de Fontes e de Mesão-Frio e um letrado que era também accionista da Companhia; oito foram mandados encerrar na cadeia e enxovias de Lamego (mas alguns deles lograram fugir antes de serem capturados), sete eclesiásticos seculares foram degredados para lugares distantes e dois religiosos terceiros de S. Francisco colocados sob custódia no convento de São Domingos de Vila Real<sup>2</sup>.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenador do GEHVID.

Devassa a que mandou proceder sua Majestade no território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura [1771-1775]. Organização de António Braz de Oliveira e Maria José Marinho. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983, p. 1017 e 1025. Passarei a citar por Devassa.

Devassa, p. 1017 e 1025.

Foi concluído ainda que, pelo menos, 20 indivíduos haviam introduzido quantidades importantes de vinho de ramo nas suas adegas, na intenção dolosa de as fazer passar como vinho de embarque<sup>3</sup>. No entanto, mostrou-se tarefa impossível apurar a quantidade exacta de pipas ou almudes de vinho de ramo que, no segredo das suas adegas, os prevaricadores misturaram ao de embarque.

Se o documento se limitasse a fornecer informações deste tipo, nem por isso deixaríamos de o considerar importante e útil. Mas poderíamos acrescentar que se tratava de mais um caso de adulteração de vinhos (porventura o mais notório), mas em todo o caso mais um dos muitos que se conhecem na história dos vinhos durienses, a que Guerra Tenreiro chamou uma vez o pecado original do Douro<sup>4</sup> e que consistiu no aumento artificial da oferta, pela junção de vinhos inferiores aos de qualidade excelente. Aliás, o pecado original do Douro reproduzia-se noutros patamares a juzante: sabe-se que já em 1587 os acórdãos municipais do Porto proibiam sob penas severas a tendência "contrafaccionista" dos taberneiros que gostavam de "calabrear" vinhos na mira de obter maiores lucros<sup>5</sup>.

Mas o documento não é apenas uma peça jurídica em que se expõe o corpo do delito, se transcrevem os depoimentos das testemunhas e se emite a respectiva sentença.

Aquelas várias centenas de páginas, ao registar e arquivar os depoimentos das testemunhas arroladas, parecendo ou sendo mesmo repetitivas e monótonas, acabam por fornecer uma infinidade de notícias laterais que nos ajudam a perceber as malhas de cumplicidade, às vezes de antagonismo individualista bem como as circunstâncias específicas que, não obstante ou talvez devido aos privilégios da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, envolviam todos os intervenientes no processo de produção e, sobretudo, de comercialização dos vinhos durienses. São verdadeiros retalhos da vida quotidiana no Alto Douro vinhateiro que o volumoso documento nos oferece.

Por isso, esse nutrido processo bem merece uma análise interna cuidadosa e um estudo aprofundado. Não é o que vou fazer aqui, porque embora possua e conheça há muito o documento publicado pela Biblioteca Nacional, só tomei consciência das suas múltiplas potencialidades informativas quando, poucos meses atrás, tive que inventar um tema para apresentar neste Congresso Internacional.

A ideia inicial, aliás comunicada no resumo e no primeiro título anunciado para a comunicação, era debruçar-me exclusivamente sobre os transportadores terrestres – almocreves, carreiros e trabalhadores – tão forte é a sua presença entre as

Devassa, p. 1029.

TENREIRO, A. Guerra – Douro. Esboço para a sua história económica. «Anais do Instituto do Vinho do Porto». Porto: IVP. Vol. 2 (1942) p. 6.

SILVA, Francisco Ribeiro da – Absolutismo Esclarecido e intervenção popular. Os motins do Porto de 1757. Lisboa, 1990, p. 129.

testemunhas arroladas e ouvidas. Não abandonei totalmente esse projecto, como se verá. Mas o exame dos seus depoimentos transporta-nos para lá das circunstâncias do seu ofício, introduzindo-nos nos meandros da própria produção vinícola num período de pujança que, sob a governação pombalina, se seguiu à criação da Companhia dos Vinhos, isto é, os inícios dos anos setenta do século XVIII.

#### 2. A DEVASSA

#### 2. 1 O território devassado

No conjunto, o espaço abrangido pela devassa, conforme declaração do próprio Marquês de Pombal, abrangia uma boa parte da região demarcada, estendendo-se ao longo do rio Douro, por mais de 10 léguas de longitude e menos de duas de latitude, indo desde Mesão Frio e Lamego até Vila Real, Armamar, Tabuaço e tocando ainda na freguesia de Covas do Douro. Os lugares de audição e registo dos depoimentos foram Vila Real, Sanhoane, Couto do Peso da Régua, Lamego, Guiães e Canelas.

## 2.2 Pessoas inquiridas e suas circunstâncias

Ao todo, segundo a contagem feita pelos organizadores do texto da Devassa<sup>6</sup> foram ouvidas 955 pessoas, quase todas homens. Contámos apenas 45 mulheres entre os depoentes, quase todas pequenas produtoras, o que equivale a 4,7%. Não admira a modéstia deste número visto que as mulheres só foram citadas quando o seu nome havia sido indicado como vendedoras de uvas ou de vinho. E mesmo assim, nem todas as referidas pelas testemunhas foram citadas e ouvidas.

Grande parte dos inquiridos eram donos de vinhas, alguns muito modestos e outros notoriamente abastados. Para se ter uma ideia da amplitude da capacidade produtora dos intervenientes na Devassa, bastará dizer que encontramos um caso de venda de apenas 2 cestos de uvas por 340 réis que eram toda a produção de uma rapariga órfã da freguesia de Donelo<sup>7</sup>. Uma mulher da Cumeeira (Concelho

Servimo-nos para esta contagem dos números resultantes do apuramento feito pelos organizadores do documento, António Braz de Oliveira e Maria José Marinho. Embora as mulheres como tais não figurem nos quadros elaborados por aqueles investigadores, elas foram por eles consideradas entrando na classe dos proprietários. Ver *Devassa*, p. 1052, 1055 e ss.

Devassa, p. 380. Para se ter uma ideia da modéstia desta produção, bastará atentar em que para se fazer uma pipa de vinho eram necessários 25 cestos de uvas. Ver Devassa, p. 433 e 443. Lembraremos, a propósito, que actualmente para se fazer uma pipa de vinho do Porto são necessários 750 quilos de uvas. Ver Jornal «Público» (8 Set. 2001) p. 24.

164

de Penaguião) vendeu as uvas ainda nas videiras muito tempo antes das vindimas porque precisava de dinheiro para tratar do marido que caíra doente.<sup>8</sup> Para esta, o (pouco) vinho significava talvez o único e último recurso a que podia lançar mão naquela crise. Por outro lado, apareceu-nos um lavrador de Bujões a vender 6 pipas a 11\$050 reis a pipa<sup>9</sup>. Mas o Doutor Tomás Álvares Outeiro, de Guiães, cavaleiro da Ordem de Cristo, produzia nas suas duas quintas do Barreiro e Parareita para cima de 50 pipas de vinho fino.<sup>10</sup>

Repetimos que temos presente apenas o pequeno universo dos intervenientes na Devassa. Nesse universo, contamos 69 lavradores, a que juntaremos mais 240 indivíduos que declararam que viviam de suas fazendas, sendo, por conseguinte, proprietários. Mas não se esgotam nestes dois grupos os donos de vinhas. Também o eram os 12 padres que aparecem citados. E ainda os mesteirais (albardeiros, alfaiates, barbeiros, carpinteiros, ferreiros, forneiros, moleiros, sapateiros, tanoeiros) que no conjunto ultrapassavam a meia centena e certamente acumulavam a viticultura com o exercício de um ofício. Eram igualmente proprietários os 4 bacharéis, os 2 doutores, os 5 escrivães, o mestre-escola, os 5 estudantes, os 9 cirurgiões, os 11 militares de patente, os dois nobres e os dois cavaleiros da Ordem de Cristo. Até um "zé-ninguém" que vivia de esmolas produzia de sua lavra 8 almudes de vinho<sup>11</sup>.

Ou seja, nestas 955 pessoas, temos seguramente mais de 400 produtores. Isto parece-nos particularmente importante na medida em que nos permite reafirmar que grande parte dos produtores de vinho da região demarcada no século XVIII eram muitos e pequenos. Também os existiam grandes, mas não nos aparecem muito numerosos. A serem verdadeiros estes dados, para além da sua novidade, são muito importantes para a caracterização sócio-económica da região do Douro, na época moderna, que, apesar de tudo o que se tem escrito, está ainda por fazer.

Essa ideia da multiplicidade dos pequenos produtores inculcou-se no nosso espírito quando nos demos ao trabalho de tentar conhecer as quantidades de vinho de ramo que cada um vendeu ou fez transferir de um lugar demarcado para produzir vinho de ramo para um lugar demarcado para produzir vinho de embarque.

Para uma visão de conjunto elaborámos duas fichas (uma sobre transacções, outra sobre transportadores) as quais, pela falta de tempo, se mostrou impossível de preencher na totalidade dos dados que a fonte encerra, mas que mantivemos neste texto porque nos ajudam a perceber o frenesi de pequenos negócios e o movimento que sacudia o Alto Douro durante e imediatamente depois das vindimas.

- B Devassa, p. 788.
- Devassa, p. 41.
- 10 Devassa, p. 356.
- 111 Devassa, p. 486

# Transacções e transferências de vinhos

Dono original	Freguesia	Tipo de vinho	Quantidade	Comprador ou ordenante da transferência	Freguesia ou local da adega	Agente interveniente
João Manuel	Abambres	Ramo	24 almudes	O mesmo	Gouvinhas	
Bernardo José Pereira	Gouvinhas	Ramo	11 almudes	O mesmo	Gouvinhas, mas em local demarcado para vinho de embarque	
Miguel da Silva, almocreve	Gouvinhas	Ramo	24 almudes	O mesmo	Gouvinhas	Tonel achava- -se na adega de João Manuel
Fr.co Taveira de Maacedo	Ordonho	Ramo	34 almudes	O mesmo	Adega no sítio de Todão, limite de Guiães	
Manuel de Carvalho	Gouvinhas	Ramo	27 almudes	O mesmo	Tonel de Manuel de Carvalho situado na adega de João Alvares, o Parrito, em Covelinhas	
Dona Isabel Teixeira	Gouvinhas	Ramo	27 almudes	A mesma	Adega da mesma no sítio da Chã	António da Silva, Feitor de Dona Isabel
Bernardo José Pereira	Gouvinhas	Ramo	8 pipas	O mesmo	Adega do mesmo no sítio das Aguaneiras	
Manuel António, rendeiro	Residia em Chaves, mas a renda era de Gouvinhas	Ramo	61 almudes	O mesmo, através do colhedor da renda	Adega do rendeiro, no lugar de Covelinhas	
Padre Caetano Lopes	Gouvinhas	Ramo	27 almudes	O mesmo	Adega que o mesmo tem na Quinta da Costa	
João Manuel Pereira da Silva, sargento-mor da Comarca	Donelo	Ramo	12,5 almudes	O mesmo	Sua adega sita na Quinta do Caleiro	José da Costa, caseiro do sar- gento-mor
Manuel da Fonseca	Vilar de Maçada	Ramo inferior	27 almudes	P.e António dos Santos	Adega da Quinta da Boavista, sita em Covelinhas, perten- cente ao dito Padre	
José Nunes	Quinta do Porvilhão Mosteiró	Ramo em mosto	2 pipas, levadas por dois trans- portadores	Seu filho, Bacharel José de Carvalho Mourão	Folhadela	

Manuel Dinis	Vila Nova	Ramo	2,5 pipas	Doutor José do Couto Pe-	Adega deste na Quinta no sítio da	Comprado por seu cunhado
				reira Taveira,	Pala	Frei Manuel da
				Juiz de Fora	7.000	Assunção, OP
				de Silves		, 100011,900, 01
Dom Luís Ant°	São	Ramo	30 almudes	O mesmo	Adega da Quinta da	Dona Leonor de
Botelho	Martinho				Cumeeira	Portugal, mulher
Mourão, Morga-						do Morgado
do de Mateus						achava-se em
						Lisboa
Manuel de	Parada de	Ramo	20 almudes	José Álvares	Adega no Assento	Transporte feito
Aguiar	Cunhos				da Cumeeira	de noite
P.e António	Relvas	Ramo	30 almudes	Manuel Álva-	Adega de Manuel	Por ordem do
Álvares				res	Álvares na Cumeeira	sobrinho do
						padre, Bacharel
						Ant <sup>o</sup> Meneses
Lagar de José	Arnadelo	Ramo	19 almudes	João Fer-	Sua adega	
Fontes				reira, ferreiro		
Lagar de	Lugar da	Ramo em	20 almudes	José Manuel,	Sua quinta, junta à	A adega ficava
Domingos	Pena,	mosto		de	Ponte da Veiga	na Quinta junto
Ferreira	Paradela			Pomarelhos		à ponte da
						Veiga de José
						Queiroz
Os Chapuços	Lugar de	Ramo em	10 almudes	José Manuel		
	Sirarelhos,	mosto				
	S. Miguel					
	de Pena					
P.e Manuel	Pomarelhos	Ramo em	29 almudes	O mesmo	Na adega de	
Peixoto		mosto			Manuel Ferreira,	
					Assento da	
					Cumeeira	
Padre Manuel	Parada de	Ramo em	4 almudes	Mesmo	Veiga	
Mourão	Cunhos	mosto inferior			Down Source of College	
Morgado de		Ramo inferior	27 almudes	Mesmo	Quinta da Cumeeira	Presente o
Mateus						Capelão e um
						galego
José Nunes	Mosteiró	Ramo em	1 pipa	Filho do dito	Povoação	Presente o filho
		mosto		(Dr. José		familias de José
				Carvalho)		Nunes
Casa do		Ramo	33 almudes	O mesmo	Quinta da Cumeeira	Presente o
Morgado de						feitor Manuel
Mateus						Rebelo e o
D: :	D	<b>5</b> 0000000				Capelão
João Dinis	Relvas	Ramo	8 almudes	António da	Eiras. Tinha na	
				Fonseca	adega um tonel	

Padre António	António Relvas Ramo em 12 almu		12 almudes	Francisco	Adega e tonel no	Dr. Meneses,
Álvares		mosto		Álvares	Cancelo da	sobrinho do P.e
					Cumieira	António
Padre Manuel	Pomarelhos	Ramo em	18 almudes	O mesmo	Assento da	
Peixoto		mosto			Cumeeira	
Padre Manuel	Parada de	Ramo	16 almudes	O mesmo	Veigas	
Mourão	Cunhos			į		
Domingos	Paradela da	Ramo em	24 almudes	José Pinto de	Quinta da Portela	
Ferreira	Ribeira	mosto		Queiroz		
José Fontes	Arnadelo	Ramo em	8 almudes	José Ferreira,	Assento da	
		mosto		ferreiro	Cumeeira	
José de Fontes	Sirarelhos	Ramo	3,5 almudes	José Manuel	Pomarelhos, Veiga	Compra
José Fontes	Mesmo	Ramo em	3,5	José Manuel	Adega de José	
		mosto			Pinto de Queiroz	
José Alvares	Relvas	Ramo em	3 almudes	O mesmo	Assento da	
		mosto			Cumeeira	
Ana Rabela	Relvas	Ramo em	9 almudes	Dr. Luís Antó-	Cumeeira	
		mosto		nio Pereira		
				Rebelo		
Casa do Mor-		Ramo inferior	6 almudes	O mesmo	Quinta da Cumeeira	Pagou o carreto
gado de Mateus			A. Detropolitical		7 (1 migration ) (1 migration ) Arrows (1 migration ) (1 migration	o Capelão
Caetano Alvares	Silhão	Ramo em	9 almudes	O mesmo	Cumeeira	
		mosto				
Capitão António	Parada de	Ramo em	3 almudes	O mesmo	Bertelo	
Dinis	Cunhos	mosto				
Padre António	Relvas	Ramo em	9 almudes	Fr.co Alvares	Cumeeira	Dr. Meneses,
Alvares		mosto				sobrinho do padre
João Pequeno	Tuizendes	Ramo em	9 almudes	Adega de	Cumeeira	
		mosto		Manuel		
				Ferreira		
Irmã de João	Tuizendes	Ramo em	3 almudes	Adega de	Cumeeira	
Pequeno		mosto		Manuel		
				Ferreira		
Padre Manuel	Pomarelhos	Ramo em	9 almudes	Adega de	Cumeeira	
Peixoto		mosto		Manuel		
				Ferreira		
Joaquim José	Bujões	Ramo em	2 pipas, ou	Bento A. de	Quinta da Parareita	Joaquim
da Silva Barbosa		mosto	seja, 40	Figueiredo,	que era do irmão	Barbosa era
			almudes	sargento-mor	ausente em Lisboa	escrivão da
						Câmara da Vila
Joana Nunes,	Abaças	Ramo em	1 pipa de 21	Adega do	Guiães	
viúva		mosto	almudes	Dr. António		
				Rebelo		

Domingos	Abaças	Ramo em	1 pipa	Adega do	Guiães	
Marques		mosto		Dr. António	Contract Machanian	
				Rebelo		
Teresa André,	Abaças	Ramo em	1 pipa	Adega do Dr.	Guiães	
viúva		mosto	02.32.5	António		
				Rebelo		
Joaquim José	Bodial	Ramo em	1 pipa de 20	Bento	Quinta da Parareita	A dita pipa
da Silva Barbosa		mosto	almudes	António,	de Luís Figueiredo,	fora vendida
				irmão de Luís	mestre de campo	por 9.600 reis
				Figueiredo		
João Teixeira	Alvações	uvas de ramo	7 cestos de	O mesmo	Alvações do Corgo,	
	do Corgo,		uvas		sítio de embarque	
	sítio de					
	ramo					
Domingos Roiz	Alvações	uvas de ramo	4 cestos de	O mesmo	Alvações do Corgo	
Torrado	do Corgo		uvas			
João Teixeira	Alvações	uvas de ramo	6 cestos de	O mesmo	Alvações do Corgo,	
	do Corgo,		uvas		sítio de embarque	
	sítio de					
	ramo					
José Rodrigues	Bujões, Vª	Ramo	6 pipas	João Carvalho	Guiães, Parareita	Vendido a
	Real			de Magalhães		11,250 réis/pipa,
						incluindo o
_						transporte
Domingos Vilela	Bujões	Em mosto	2 pipas de 21	João Carvalho	Guiães, Parareita	Cada pipa a
			almudes	de Magalhães		9.600 réis
Francisco Pires	Bujões	Em mosto	2 pipas	João Carvalho	Guiães, Parareita	Cada pipa a
				de Magalhães		9.600 réis
Domingos	Jorjais de	Ramo em	7 almudes +	Adega da	Guiães, Quintãs	
Esteves	Andrães	mosto	5 almudes	Ant° Teixeira		
				de Magalhães		
Joana Nunes,	Abaças	Ramo	6,5 almudes	Adega do	Guiães	
viúva				Dr. António		
				Rebelo		
Domingos	Abaças	Ramo em	12 almudes	Adega de	Guiães	Não sabe se foi
Nunes, sapateiro		mosto		ramo de José		depois levado
				Madeira Belo		para território
						de embarque
Joaquim José	Bodial,	Ramo em	1 pipa – 18	Adega do	Guiães. Quinta da	Irmão do mes-
da Silva Barbosa	Bujões	mosto	almudes	sargento-mor	Parareita	tre de campo
				Bento Ant°		Luís Álvares de
				de Figueiredo		Figueiredo
Joaquim José	Bodial,	Ramo em	2 pipas – 20	Adega do	Guiães. Quinta da	Irmão do mes-
da Silva Barbosa	Bujões	mosto	almudes	sargento-mor	Parareita	tre de campo
		4		Bento Ant°		Luís Figueiredo
				de Figueiredo		15.0

Joana Nunes,	Abaças	Ramo em	1 pipa	Adega do	Guiães	
viúva		mosto	45 40	Dr. António Rebelo		
Domingos Gonçalves de Carvalho	Fontelo de Abaças	Ramo em mosto	15 almudes	Adega de António Pereira	Guiães – Quintãs	António Pereira comprara a Domingos Glz por 8.000/pipa
António Ferro	Ordonho	Ramo em mosto	16 almudes	Lagar de José Pereira	Guiães – Quintãs	Em 4 carretos. O vinho fora misturado com uvas
Manuel Mon- teiro, almocreve	Fontainhas	Ramo	25 cestos	Francisco de Carvalho Branco	Guiães	Por 9.600 réis
Manuel Mon- teiro, almocreve	Fontainhas	Uvas do ramo	13 cestos	Lagar de Sebastião José Taveira Macedo	Vale de amieiro	Por 9.600 réis a pipa
Manuel Mon- teiro, almocreve		Ramo em mosto	30 almudes	Manuel Rodri- gues Bogas	Guiães	2 moedas cada pipa
Quinta de Gaspar de Queirós, de Amarante	Guiães	Ramo em mosto	3 pipas	Adega de Manuel Pe- reira de Aze- vedo, ourives de Vª Real	Guiães – Qintãs	
Capitão Manuel de Matos	Quinta da Ribeira	Ramo em mosto	20 almudes	Adega do Mestre de Campo	Quintãs	
Feito no lagar de Domingos Botelho, Padre, mas era de António Leite	Guiães	Ramo em mosto	20 almudes	Adega de António Leite	Quintãs	
Adega de Luís Pinto	Guiães	Ramo em mosto	20 almudes	Adega de Carlos Vieira do Porto	Quinta da Jusã	
Lagar de Fr.co Teixeira mas o dono era Ant° Fernandes Ferro	Ordonho	Ramo em mosto	4 almudes	Adega de José Pereira	Qintãs	
Manuel Rodrigues, almocreve	Guiães	Ramo em mosto à bica	3,5 pipas	Manuel Pereira de Azevedo, ourives	Quintãs	Este Manuel Pereira podia produzir 7 a 8 pipas de embarque

	T	1.	T		
Folgosa	vinho em	2 pipas	Ant <sup>o</sup> Fr.co	Covelinhas	Parece que era
	mosto		Correia de		vinho de
			Mendonça.		embarque.
			Diz o carreiro		,
			que este		
			comprava		
			100.1		
			20		
C	D	4 .		0 1: 1	0.11
Covelinnas		1 ріра	150 CANCES (150 CA	Covelinhas	O vinho era
	mosto				para fazer
					aguardente
Donelo	Ramo em	1 pipa	Ant° José de	Quinta Nova	Ant° José era
	mosto		Araújo		do Porto. Quem
			Gomes		está presente é
					o seu caseiro
Donelo	Ramo em	1 pipa	Ant° José de	Quinta Nova	
	mosto		Araújo Gomes		
Abrecôvo	Ramo em	12 almudes	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	Bento Pereira
	mosto				era do Porto.
					Quem está é o
					caseiro
Covas do	Ramo em	9 almudes	P.e Manuel	Costa, distrito de	
Douro	mosto	A PART CONTRACTOR OF PARTICIPATE MANAGEMENT	José	39-75	
Abrecôvo		12 almudes			Caseiro Manuel
				Carried do Espiritar	Fernandes
Quinta do		6 almudes	Pe Manuel	Costa distrito do	i cittatides
		diffidaes			
		2 ninas		· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	Maradan and
veiga	SOM SECONOMICS IN SCHOOL	z pipas	Delito Felella	Quinta do Espininai	Vendeu cada
Oviete de	100.15	12 -   -	D 14	6	uma a 14.000 réis
		12 almudes			
		10			
Abrecovo	190,000	12 almudes	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	Caseiro Manuel
	200000000000000000000000000000000000000		Toronto Arra Control		Fernandes
Veiga		9 almudes	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	
	mosto				
Donala	Ramo	Um cesto de	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	Houve mais
Doneio					
Doneio		uvas de			quem levasse
Doneio		uvas de Gouvinhas		_	quem levasse cestos
Donelo	Ramo já		Dr. António	Quinta Nova	
	Ramo já limpo	Gouvinhas	Dr. António José de	Quinta Nova	cestos
	Abrecôvo Covas do	Covelinhas Ramo em mosto  Donelo Ramo em mosto  Donelo Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Covas do Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Quinta do Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Quinta do Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Veiga Ramo em mosto	Covelinhas Ramo em mosto 1 pipa mosto  Donelo Ramo em 1 pipa mosto  Donelo Ramo em 1 pipa mosto  Abrecôvo Ramo em 12 almudes mosto  Covas do Douro Mosto  Abrecôvo Ramo em 9 almudes mosto  Quinta do Ramo em 12 almudes mosto  Quinta do Ramo em 2 pipas mosto  Quinta do Ramo em 2 pipas mosto  Quinta do Ramo em 12 almudes mosto  Abrecôvo Ramo em 12 almudes mosto  Abrecôvo Ramo em 12 almudes mosto  Abrecôvo Ramo em 9 almudes mosto  Veiga Ramo em 9 almudes mosto	mosto  Correia de Mendonça. Diz o carreiro que este comprava vinhos por conta de Francisco António da Costa, do Porto, negociante  Covelinhas Ramo em mosto  Donelo Ramo em mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Covas do Douro mosto  Abrecôvo Ramo em mosto  Covas do Ramo em mosto  Douro mosto  Abrecôvo Ramo em posto  Covas do Ramo em posto  Abrecôvo Ramo em posto  Covas do Ramo em posto  Abrecôvo Ramo em posto  Covas do Ramo em posto  Abrecôvo Ramo em posto  Covas do Porto, negociante  Anto Posto de Anaújo Gomes  P.e Manuel posé  Bento Pereira  Covas do Porto, negociante  Anto Porto, negocian	mosto  Correia de Mendonça. Diz o carreiro que este comprava vinhos por conta de Francisco António da Costa, do Porto, negociante  Covelinhas  Ramo em mosto  Donelo  Ramo em posto  Donelo  Ramo em mosto  Donelo  Ramo em posto  Donelo  Douro  Abrecôvo  Ramo em posto  Douro  Abrecôvo  Ramo em posto  Douro  Douro  Abrecôvo  Ramo em posto  Douro  Douro  Abrecôvo  Ramo em posto  Douro  Douro  Douro  Douro  Douro  Douro  Abrecôvo  Ramo em posto  Douro  Do

 Jerónimo	Abrecôvo	Ramo em	12 almudes	Bento Pereira	Quinta da Espinhal	
Pereira	Abrecovo	mosto	12 annudes	bento i elena	Quinta do Espinhal	
Ana Pereira,	Donelo	Ramo em	9 almudes	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	
viúva		mosto	, unitades	Dento i ciciia	Quinta do Espinhai	
Helena		,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,	Um cesto de	Bento Pereira	Quinta do Espinhal	
Rodrigues, a			uvas		Canta do Espinita	
Martinha						
Manuel da	Vila de	Ramo em	5 pipas	O mesmo	Quinta do	
Silveira Pinto da	Canelas,	mosto			Enxodreiro, distrito	
Fonseca	em distrito				de embarque	
8	de ramo				333 1333	
Filhas de Luís	Quinta do	Ramo em	1 pipa	Manuel	Valbom	
Pereira	Monte	mosto		Marques		
	Raso			Pereira		
António	Poiares	Ramo em	1 pipa	Manuel	Valbom	
Cardoso		mosto		Marques		
				Pereira		
Caetano de	Canelas	Ramo em	1 pipa	Manuel Luís,	Valbom, distrito de	A adega era de
Carvalho		mosto		o Painço	embarque	Manuel Luís.
						Mas o tonel
						pertencia a um
						Manuel Lopes
	0 1	_				Papetas
Maria de	Canelas	Ramo em	1 pipa	Adega de	Peixota, distrito de	
Carvalho, viúva		mosto		António	embarque	
Manuel de	Canelas	D	4 .	Carvalho	A 1	0 11 6
Lemos	Carielas	Ramo em	1 pipa	Bernardo	Adega de Isabel	O vinho fora
Lemos		mosto		Pereira	Proença, na Peixota	feito no lagar
						da adega de Maria Carvalho
Manuel Teixeira	Canelas	Ramo em	1 pipa	O mesmo	Sua adega de	Iviaria Carvairio
da Fraga	Curicius	mosto	Гріра	Manuel	Valbom	
		mosto		Teixeira	Valbotti	
Domingos	Canelas	Ramo em	1 pipa	Do mesmo	Adega deste em	O vinho fora
Rodrigues da	7.000	mosto		Páscoa	Valbom	feito no lagar
Páscoa						do pai do car-
						reiro, de nome
						Manuel Dias
Manuel	Canelas	Ramo em	2 pipas	Dona Luísa	Sitio da Vacaria, dis-	O vinho perten-
Rodrigues		mosto		da Silveira	trito de embarque	cia a Manuel
Picotas					1000	Teixeira
Francisco	Cabana,	Ramo em	1 pipa	Francisco	Adega no	
Pereira	distrito de	mosto		Pereira	Enxodreiro, de	
	ramo				embarque	
José Aires de	Canelas,		5 cestos de	Manuel	Zambulhal	Levados em
Sousa	Cerdeira		uvas	Garcês		jumentos

## Transportadores

Nome	Profissão	Idade	Freguesia	Meio de transporte	Quanto recebeu	Assina?	Observações
Manuel Moreira	Trabalhador	17	Vila Cova	Besta maior de André Moreira	50 réis/dia	Não	
Mesmo					60/almude	Não	
António Ribeiro Feyo	Lavrador, filho de capitão	41	Constantim	Seu carro	Recebeu o carreto	Sim	
José Martins	almocreve	21	Campeã	Suas bestas	Recebeu o	Não	Fez muitos carretos. No total 119 almudes
Francisco Guedes	almocreve	33	Vila Marim	Não refere		Sim	Fez 8 carretos
António Gonçalves	Carreiro. Num dos carretos fora substituído por um seu criado de 10 anos.	47	Abaças-Vila Real	Seu carro	1.200 réis do carreto	Não	Fez 3 carretos e recebeu por eles 2.480 réis Todos os carreiros que conduzem vinhos de embarque costumam tirar os batoques e beber das pipas nas ocasiões das pousas que fazem nas estradas par apascentar seus gados Entendia que tal não era proibido. Só o era furar as pipas. Mas nas da Companhia não costumam bolir nem tirar vinho pelo batoque.
José Pereira	Carreiro	40	Abaças-Vila Real	Seu carro	Ainda não recebera	Sim	Confirma o depoi- mento anterior. Confirma que era pro bido deitar água no vinho para compensa
José Fernandes	Trabalhador	22	Abaças-Vila Real	Cestos			Nicolau Francisco no fim do verão passado mandara queimar 20 pipas e fizera algumas de aguardente em alambique, aguar- dente que levara para sua casa no Peso da Régua

João Roiz Paulino	Trabalhador		Abaças-Vila Real			Sim	Confirma depoimento anterior sobre Nicolau Francisco. As pipas de aguardente foram 4. O alambique era de um homem do Porto. Das 20 pipas, só 14 eram de sua produção. Resto comprou.
Manuel Martins Rianha	Almocreve	46	Abaças-Vila Real	?		Não	Servira como interme- diário na compra de 12 almudes de vinho de ramo para pagar um foro e o levara para ter- ritório de embarque.
José Rodrigues	Lavrador	50	Bujões-Vila Real	Seu carro	Incluído no preço do vinho	Sim	Vendera vinho de ramo de sua produção e o colocara em terra de vinho de embarque. Declarou mais que o Escrivão Silva Barbosa comprara e queimara grande quantidade de vinho de ramo da colheita de 1770 e daí retirara abundante quantidade de pipas de aguardente no seu próprio alambique. Parte fora refinado na Quinta da Prelada, Bujões.
João Lourenço, o Caim	Almocreve	30	Abaças	2 jumentos diz um denunciante		Não	Um foro que devia ser de vinho de embarque fora em vinho de ramo como se fosse de embarque.
José Gonçalves	Carreiro	30	Abaças	Seu carro		Não	Confirma que abrem os batoques para com uma cana tirar das pipas o vinho que pre- cisam enquanto seus bois apascentam. Nunca furara nem lan- çara água.

# Francisco Ribeiro da Silva

Domingos Roiz	Carreiro	40	Fontelo de	Seu carro		Sim	Confirma o uso da
Figueiredo			Abaças				cana ou canudo pro-
							porcionado para tirar
							vinho
Manuel	Almocreve	60	Guiães-V. Real	Seu macho		Não	Ele próprio era produ-
Monteiro							tor pois vendeu 38
							cestos de uvas e 30
							almudes de ramo em
							mosto
Manuel	Almocreve	40	Guiães	Seu macho		Não	Também era produtor
Rodrigues							visto que produzira e
							vendera 3,5 pipas que
							vendera a 16.000/pipa
Fernando	Carreiro	40	Covelinhas		800 reis	Não	
Lopes							
Manuel Dias	Lavrador	80	Covelinhas	carro, por		Não	
				seu criado			
				conduzido			
Sebastião	Carreiro	21	Donelo, Vª Real	Carro		Não	
Pereira							
Manuel	Carreiro	24	Donelo	Carro		Não	
Rodrigues							
João de Sousa	Trabalhador	20	Donelo	?		Sim	
Feliciano	Trabalhador	40	Donelo	Acarretaram		Não	
Pereira				o vinho com			
				odres às			
				costas			
Francisco Xavier	Almocreve	40	Donelo	Jumento		Sim	
Leonardo	Trabalhador	24	Donelo	Odre às		Não	
Soares				costas		Jacoba	
António Pereira	Carreiro	45	Donelo	Carro mas		Não	
				também 1			
				macho			
Miguel Pereira	Trabalhador	20	Donelo	Provavel-		Sim	
				mente às			
				costas			
José Dias, filho	Carreiro	20	Vila de Canelas	Carro de		Sim	
de M.el Dias			4700	seu pai e 3			
				jumentos			

A leitura dos quadros indica-nos que os proprietários de vinhas, mesmo os grandes, possuíam-nas em vários locais, mais próximos ou mais afastados entre si. Por conseguinte, há aqui indícios de forte parcelamento da propriedade vinícola. Esta constatação não pode pôr em causa a existência e a importância das "quintas" que, aliás, aparecem bem representadas no documento. Mas a estratégia da implantação das adegas, no interior das quais se achavam instalados os tonéis, obedecia a objectivos de concentração e, se possível, de localização em território pertencente à zona demarcada para produção de vinhos de embarque.

Relativamente ao vasilhame ou aos contentores do vinho dentro das adegas, os tonéis, fica-se com a ideia, por um lado, de que na mesma adega podia haver vários tonéis pertencentes a diferentes donos; e por outro, que o conteúdo de um ou outro tonel pertencia mesmo a mais que um dono; e ainda que a capacidade de cada tonel andaria pelas sete ou oito pipas.

Outra ideia que é uma evidência: os que compravam eram naturalmente em muito menor número do que os que venderam. Resulta daí outra evidência: é que tirando os casos dos que adquiriam vinho a outrem para atestar as suas pipas, quem comprava normalmente comprava a vários produtores e comprava para vender e ganhar mais.

É de admitir que a tentação de comprar vinho de ramo para o misturar com vinho de embarque era irresistível para muitos.

Seria substancial este movimento de venda de vinhos de uns produtores a outros no interior da região demarcada? Parece que sim, não obstante as leis em contrário (nomeadamente o aviso de 10 de Maio de 1770 que permitia aos lavradores pobres a compra de apenas quatro pipas e não mais 12).

Aliás, os dedicados organizadores da publicação da Devassa inserem duas Relações sugestivas, assinadas pelo próprio Marquês de Pombal. Numa delas, datada de Maio de 1770, constam os nomes dos produtores, alguns deles residentes na cidade do Porto, as quantidades normais de produção própria e as quantidades de vinho compradas à bica<sup>13</sup>. Extrairei dela apenas dois casos exemplares: José da Silva Ramos, morador no Porto e dono da Quinta das Adegas em Penajóia tinha de lavra própria 79 pipas mas comprara mais 123. E o doutor Pantaleão da Cunha produzia 12 pipas em Provesende, mas comprara 213 pipas.

Na outra Relação, datada de Janeiro de 1772, a situação de ambiguidade de algumas situações é ainda mais explícita<sup>14</sup>. Vejamos:

 Domingos Pereira de Alvações do Corgo teria 20 pipas de produção própria mas possuía 60 para vender;

<sup>12</sup> Devassa, p. 1007.

<sup>13</sup> Devassa, p. 1007.

<sup>14</sup> Devassa, p. 1030.

- António Cardoso, do Vale, tinha de sua lavra 6 pipas de embarque mas propunha-se colocar 40 na praça;
- João de Azevedo, de Sabroso, produzia oito pipas de embarque mas pusera 70 no mercado;
- José Dinis Bonito, da freguesia da Cumeeira, comprara na vindima passada de 1771 mais de 30 pipas.

São situações curiosas que nos mostram um Douro movimentado, de gente que tem consciência da valia do produto e que tenta tirar proveito dele de muitos modos, sem se preocupar demasiado com o cumprimento estrito das leis.

Aliás, a devassa demonstrou que a desobediência às ditas leis não se verificava apenas na esfera da mistura de vinhos inferiores com vinhos excelentes. De forma menos escandalosa, as determinações que proibiam o uso de estrumes<sup>15</sup> no tratamento das vides para lograr maior produção tanto como as que vedavam o uso de baga de sabugueiro<sup>16</sup> para obter melhor coloração do vinho eram violadas aqui e além. Do mesmo modo, muitos privados fabricavam aguardente em violação do privilégio monopolista conferido à Companhia em 16 de Novembro de 1760.

Mesmo que tal não constitua surpresa nem novidade, importa sublinhar que a desobediência às leis (nomeadamente no que toca ao transporte fraudulento de vinhos produzidos em zonas de menor valia para zonas demarcadas como produtoras de vinhos de embarque) era perpetrada por gente de todas as camadas sociais: nobres, clérigos seculares e regulares, magistrados, militares, lavradores, sem excluir os próprios deputados da Companhia Geral da Agricultura do Alto Douro.

Não se pode afirmar que não houvesse receios pelas consequências possíveis da infracção: os agentes do Morgado de Mateus, nomeadamente o seu Capelão, tiveram a preocupação de sossegar os transportadores, garantindo-lhes que não haveria qualquer problema com os fiscais da Companhia. E muitos dos mandantes, apesar da aparente impunidade, preferiam que a transferência dos vinhos se fizesse pela calada da noite ainda que por isso o carreto lhes viesse a ficar mais caro.

Por outro lado, alguns dos infractores contavam com a conivência corrupta dos funcionários da Companhia Geral. O escrivão do Comissário da Companhia no distrito de Cima Tua, morador na vila de Barqueiros, Domingos José Rebelo, não teve dúvidas em denunciar que este, entre outras irregularidades, frequentemente aceitava presentes de azeites, presuntos, leitões e outros géneros para, em troca,

aprovar vinhos menos bons ou dar preferência a uns em relação a outros. Apontavam-se nomes e situações concretas. O depoimento do escrivão foi confirmado pelo feitor do cais da Foz do Tua<sup>17</sup>.

#### 3. ALMOCREVES, CARREIROS E TRABALHADORES

Sendo esta temática o nosso objectivo inicial, não a queremos deixar cair, porque os problemas ligados ao transporte dos vinhos afiguram-se de grande alcance e de grande espectro. Estamos já bastante bem informados, creio, sobre os transportes e transportadores fluviais, arrais e barqueiros, graças aos trabalhos de Aurélio de Oliveira, António M. Barros Cardoso e Pedro de Brito.

Para chegar às adegas e daí aos portos fluviais, as uvas e o vinho tinham que percorrer os ínvios caminhos, calçadas e estradões em carros e carretas, no dorso dos animais de carga ou às costas de homens. Sobre as estradas e caminhos, algo vamos sabendo graças aos estudos que vêm interessando jovens investigadores de que cito Amândio Barros, mas sobre os transportadores propriamente ditos sabemos pouco.

Ora, como dissemos acima, a este grupo é conferido na Devassa um natural protagonismo. Se o corpo de delito consistia na mistura de vinhos de qualidade diferente e se essa mistura supunha a transferência física dos produzidos em zona qualificada como menos nobre para zonas mais nobres, então era indispensável ouvir os profissionais do transporte que eram os carreiros, almocreves e carretões e até os trabalhadores que, posto que não possuíssem carros nem bestas, dispunham sempre de costas e ombros fortes para aguentar com o peso dos odres ou dos cestos das uvas.

Embora cada uma destas categorias se distinguisse bem social e economicamente, tratamo-los aqui em conjunto porque a Devassa os ouviu a todos na sua qualidade de transportadores ou testemunhas de transportes efectuados.

Que podemos saber sobre eles?

Antes de mais, o *seu número*: ao todo, foram ouvidos 62 carreiros, 128 almocreves, 4 carretões e 273 trabalhadores. Embora os que são designados como "trabalhadores" não fossem propriamente profissionais do transporte, os seus préstimos eram utilizáveis e foram utilizados para o transporte do vinho acabado de fabricar ou mesmo dos cestos de uvas.

De qualquer modo, não parece exagero considerar que esta pequena parcela de território dispunha de cerca de 200 transportadores terrestres. Não é número que espante, tendo em conta que nos finais do primeiro terço do século XVI a

178

cidade e termo de Lamego, dispunham, segundo Rui Fernandes, de 100 almocreves que faziam a ligação da terra com os portos de mar do litoral norte e da Galiza<sup>18</sup>. Somando a estes os que desenvolviam actividades afins nessa outra via que era o rio, somos levados a pensar que o sector dos transportes tinha um peso considerável nas actividades económicas dos durienses. Não apenas evidentemente ao serviço do comércio vinícola.

Podemos também saber algo sobre a *sua idade*: 101 dos almocreves contavam entre 15 e 44 anos (78,9%); a essa faixa etária pertenciam 50 carreiros (80,6%); em contraste, 175 trabalhadores (apenas 64,1 %).

Há também informações sobre a *sua terra*: assim, mais por curiosidade do que por lhe atribuirmos qualquer importância científica, apontaremos as freguesias que contavam mais de 5 almocreves: Canelas (9), Fontes (8), Guiães (6); Nogueira (14); Tabuaço (8).

Os carreiros eram mais raros: apenas 3 freguesias contam o máximo de 5 carreiros: Abaças; Canelas e Vila Seca de Poiares.

Poucas freguesias podiam contar com mais de 10 trabalhadores. Eram elas Cumeeira (11); Guiães (16); Mafamedes (13); Pressegueda (11); Relvas (10).

No caso dos almocreves há indícios de *alguma tradição familiar* no exercício da profissão: os Rodrigues Capela de Nogueira, os Simão de Tanha.

Outra nota curiosa diz respeito à competência dos transportadores em matéria de *literacia*:

- dos 128 almocreves, 66 assinam o seu depoimento pelo seu próprio punho (51,5%);
- dos 62 carreiros, 28 revelam igual competência (45,1%);
- dos 277 trabalhadores e carretões, 127 sabem assinar (45,8%).

Aliás, no conjunto, a julgar pela amostra presente, a alfabetização dos altodurienses era surpreendentemente elevada. De facto, no conjunto das 955 pessoas intervenientes, 572 sabem assinar: uma média muito lisonjeira de 59,8%. Bem sabemos que se trata de população quase totalmente masculina – o que no antigo regime era uma vantagem – e que se abrange aqui boa parte dos grupos economico-sociais de topo. Mesmo assim, atendendo a que há na amostra uma grande percentagem de trabalhadores (28,5% do total) a média de alfabetizados afigura-se-nos muito positiva, mais do que o que geralmente seríamos levados a supor.

Surpreendente pela negativa é o analfabetismo maciço das mulheres. De facto, no fim de cada depoimento o escrivão informa, sem qualquer excepção, que a

FERNANDES, Rui – Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas léguas... Lisboa, 1824, p. 592. (Collecção de Inéditos de História Portuguesa publicados por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa; tomo 5).

depoente declarou que não sabia escrever. É inesperado e espantoso porque todas as 47 mulheres citadas eram proprietárias e produtoras de vinho, ainda que produtoras modestas na sua maior parte. Dito de outra forma, pertenciam a um estrato social que, noutros sítios, não se apresentaria tão nivelado pela iliteracia. Mas esta informação (como, aliás a referente aos homens) carece de ser confirmada por outras fontes.

Viveriam desafogadamente os transportadores? Que salários cobravam? A informação nem sempre é precisa sob o ponto de vista quantitativo. Quase sempre se informa quem pagou mas nem sempre se diz quanto. Sabemos que normalmente o ajuste do pagamento do trabalho do almocreve se fazia com base no número de almudes transportados e em função da distância a percorrer. Provavelmente entrariam em linha de conta outros factores como a dificuldade do percurso a vencer. Uma circunstância que agravava os preços era o facto de o serviço ser prestado de noite. Não admira que, assim sendo, a tabela de custos fosse muito variada: ia de 20 a 100 réis por almude. Mas a tabela corrente era de 40 réis por almude. Mas é preciso ter em conta que quem tivesse apenas um macho ou um jumento não levava mais de quatro almudes em cada viagem. Os serviços de carreiros custavam mais dinheiro mas eram mais indiscretos devido ao barulho do movimento, em especial à chiadeira estridente das rodas.

Mas os transportadores inventaram uma forma de obter outras compensações, para além dos custos do frete. É que quando a operação obrigava a percorrer distâncias maiores, era preciso dar descanso e alimento aos animais, sobretudo aos bois que puxavam os carros. Nessas alturas era normal que os carreiros se aproveitassem da carga que transportavam. Como? Retirando os batoques das pipas e usando uma cana ou canudo apropriados, recolhiam alguma quantidade de vinho para seu consumo e dos seus ajudantes. Esse costume havia-se instituído e ninguém levava a mal.

Apenas duas práticas eram proibidas: furar as pipas com uma verruma ou instrumento semelhante e ousar repor com água os volumes de vinho assim delas retirados. A insistência com que se fala na proibição de refazer com água os níveis normais das pipas não deixa de levantar alguma suspeita. Resta saber, para além disso, em que circunstâncias é que um carreiro bem bebido cumpria bem e fielmente a missão de entregar as pipas no destino certo.

# 4. CONCLUSÃO - OUTROS ASPECTOS DA DEVASSA

As longas páginas da Devassa permitiriam outros tipos de abordagem que nos ajudariam no objectivo fundamental o qual é o melhor conhecimento da complexa realidade da região vinhateira. Que outros aspectos?

O conhecimento que os produtores possuíam em relação aos seus vizinhos: todos sabiam mais ou menos as capacidades produtivas dos outros, todos se controlavam mutuamente. Certas denúncias mais desenvolvidas permitem facilmente tal ilação. O que fica por saber é se este controlo mútuo procedia de uma concorrência individualista ou se era a manifestação ou a consequência de um espírito solidário e eventualmente pró-associativo. Inclinamo-nos pela primeira hipótese.

Outra ideia fecunda para a qual a fonte fornece elementos preciosos é o da inventariação das quintas.

Outra pista seria a da listagem dos colaboradores e pessoal contratado tanto pelos vinhateiros como pelos transportadores. Fala-se muito de criados e até se vislumbra a existência de trabalho infantil. De facto, o carreiro António Gonçalves, de Abaças, fez-se substituir na condução de um carro de bois carregado com uma pipa pelo seu criado José, de 10 anos de idade 19. Com que idade se começava a trabalhar? Outro grupo sempre presente é dos galegos. Aparecem constantemente como testemunhas das cargas e descargas. Não sendo novidade a presença maciça de galegos nas quintas do Douro, talvez fosse importante indagar: se apenas trabalhavam na vitivinicultura e apenas sazonalmente na altura das vindimas; se a sua presença não deixou rastos e sinais culturais duradouros.

Outra matéria de exploração do texto seria a da ligação da cidade do Porto ao Douro ou do Douro ao Porto através dos proprietários e feitores das quintas e dos comissários dos mercadores nacionais e estrangeiros. Ainda que saibamos por outras vias que os Comissários eram verdadeiros protagonistas do Douro vinhateiro, numa devassa deste género a sua presença é mais pressentida que visível.

Embora o texto não forneça elementos de resposta não deixa de ser interessante indagar sobre os fabricantes de carros de bois, sobre a criação e a venda de animais tanto para os almocreves como para os carreiros, sobre os tanoeiros e fazedores de odres dentro dos quais os trabalhadores e carretões transportavam o vinho às costas.

Enfim... uma leitura mais aturada e perspicaz descobrirá na fonte outras vias de exploração. O que pretendi com esta comunicação foi sobretudo chamar a atenção para a sua importância e utilidade.